

HOMENAGEM
AO PROFESSOR DOUTOR CARLOS VENTURA
(1893-1975)



DOUTOR CARLOS SIMÕES VENTURA

(1893 - 1975)

Em 30 de Julho de 1975, faleceu o Professor Doutor Carlos Simões Ventura, catedrático jubilado desta Faculdade e membro da comissão redactora desta revista, desde que, em 1952, ela encetou uma nova série, que procurava ser, ao mesmo tempo, mais representativa do saber nacional na especialidade a que se dedica, e mais aberta ao conhecimento dos progressos realizados neste domínio do conhecimento em países estrangeiros.

O Professor Carlos Ventura chamou para assegurar essa nova orientação de *Humanitas*, em pé de igualdade com ele — todos membros da comissão redactora — dois jovens assistentes, regressados, um após outro, de uma demorada especialização na Universidade de Oxford, lugar de eleição para os estudiosos de Filologia Clássica que o seu antigo mestre insistentemente lhes aconselhara.

Se evocamos estes factos de um passado já hoje remoto, é porque eles põem em evidência uma característica do Doutor Simões Ventura que sempre o distinguiu: a preocupação de formar discípulos, de enraizar uma escola que desse continuidade ao seu ensino sério e seguro. Desse plano fazia parte o complemento de estudos colhido nos grandes centros, onde superabundavam os recursos humanos e bibliográficos, cuja falta se fazia sentir agudamente entre nós.

Formar discípulos foi, efectivamente, a grande missão que o Mestre a si mesmo se impôs, e muitas são as gerações de helenistas que, desde 1916, ano em que entrou ao serviço da Faculdade, até 1963, em que se jubilou, ficaram a dever-lhe uma sólida formação científica.

De um rigor impressionante na análise dos fenómenos linguísticos, de uma clareza perfeita na transmissão do seu pensamento, as suas aulas de Grego proporcionavam a aquisição de um método e obrigavam a empregá-lo com geométrica precisão.

Neste culto pelo exacto e pelo perfeito — sem perder consciência, aliás, das limitações do conhecimento e do valor estimulante da dúvida — residiu um dos grandes ensinamentos do Mestre. Dele se pode dizer

que foi o introdutor do ensino científico das Línguas Clássicas no nosso País.

Há docentes que se notabilizam pela vastidão da sua obra escrita. Outros limitam-se a publicar de onde a onde os resultados amadurecidos das suas investigações mais originais e concentram esforços principalmente na transmissão intersubjectiva do saber. A Universidade precisa de uns e de outros. O Professor Carlos Ventura pertenceu aos segundos. Cada um dos estudos que publicou era modelar, como entre outros, *Tácito: Vida de Agrícola* (1917), *Reflexões sobre o Aspecto Verbal* (1920), *A mais recente leitura da carta de Pero Vaz de Caminha* (1942). Mas era pelo magistério directo que mais se exercia a sua acção, quando, como se diz no *Fedro*, «pegava na alma a isso apropriada e aí plantava e semeava o *logos* acompanhado do saber».

Nenhum dos seus alunos, estamos certos, esqueceu essa lição, dobrada, de mais a mais, por essa outra lição indelével que é a vida de um homem de carácter. Fazendo-se intérprete deste modo de sentir é que a discípula que subscreve estas singelas palavras de homenagem e que teve a honra de lhe suceder na cátedra proferiu, na ocasião do funeral, e por incumbência do Conselho Directivo da Faculdade, o discurso que a seguir se transcreve:

Ficar na sua terra, em Coimbra, e num sítio de onde se visse a sua Universidade, foram as últimas vontades do Mestre e Amigo que aqui viemos acompanhar. O último retoque, e não dos menos significativos, no perfil do Doutor Carlos Simões Ventura, do professor ilustre a quem me cabe dizer as palavras de despedida, em nome da Faculdade de Letras, que tanto prestigiou durante quase meio século de docência.

Amor à Universidade que se confundia com amor à Ciência, que cultivou até aos últimos dias da sua vida: os estudos de Grego, a que incutiu um rigor até aí desconhecido em Portugal, ensinando, com uma clareza e precisão incomparáveis, aquela que é justamente tida como a mais formosa das línguas; os de Latim, em que deixou bem vincada a sua curta passagem, com a tese sobre Tácito; os de Português, designadamente na fase medieval, onde se movia com o à vontade e segurança dos grandes especialistas.

Os muitos discípulos que criou — entre os quais tenho a honra de me contar — todos ficavam a admirar o seu vasto e sólido saber. Mas não só o saber. Passados os primeiros contactos com uma severidade que encobria um espírito delicado e sensível, os alunos compreendiam que estavam perante um homem de carácter, com cuja lealdade e justiça podiam sempre contar. Escrupulosamente fiel aos seus princípios, o Professor Simões Ventura norteou a sua vida académica e particular por uma rigidez quase estóica, sem desvios nem afrouxamentos, numa linha de conduta sempre coerente e límpida. Foi bem o homem Iustum et tenacem propositi — como se lê num dos mais celebrados versos de Horácio — ou, na paráfrase vernácula de Correia Garção, «O constante varão, justo e firme». Estas as palavras que melhor definem o modo que teve de estar na vida. Este o exemplo que viemos agradecer-lhe.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA